

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo

**Seminário: Periódicos - Texto da Tania Regina de Luca (História dos, nos e por meio dos
periódicos)**

Trabalho apresentado para a disciplina de História da Arquitetura e da Cidade: Teoria e Método

Docentes:

Profa. Dra. Ana Claudia Veiga de Castro

Profa. Dra. Joana Mello de Carvalho e Silva

Discentes:

José Eudes Alves Belo

Isadora Panachão

Vinicius Martins de Oliveira

São Paulo

junho de 2020

“...é preciso ter o talento de contar as próprias como se fossem história dos outros, e contar as histórias dos outros como se fossem as suas...”

Orhan Pamuk – A mala do meu pai

1. Apresentação da autora

Tânia Regina de Luca graduou-se em História no ano de 1981 pela Universidade de São Paulo onde também obteve os títulos de Mestre (1989) e Doutora (1996) em História Social – com os trabalhos “Mutualismo em São Paulo: o sonho do futuro assegurado” e “A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação” respectivamente – ambos sob a orientação da professora Maria de Lourdes Mônaco Janotti.

É professora livre docente em História do Brasil Republicano pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e foi editora da “Revista Brasileira de História” (ANPUH 1999/2001) e da revista “História” do Programa de pós graduação da UNESP/Assis e Franca.



Figura 01. Tania Regina de Luca posa com o seu livro "A ilustração (1884-1882) Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro". Fonte: <http://unespciencia.com.br/2018/11/01/entrevista-102/> (consultado em 25/06/2020)

Como historiadora, Luca se dedicou especialmente à História do Brasil República, abordando temas como Historiografia, História Social da Cultura, História da imprensa e dos intelectuais, e a construção dos discursos em torno da nação e do nacionalismo.

Sua produção acadêmica inclui os livros:

"Documentos do Brasil Colonial" – co autoria de Inês C. Inácio (1993);

"A Imprensa e a Cidade" – co autoria de Ana Luiza Martins (2006);

"O Historiador e Suas Fontes" – co autoria de Carla Bassanezi Pinsky (2009);

"História da imprensa no Brasil" – co autoria de Ana Luiza Martins (2008);

"Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil [1916-1944]" (2011);

"A Ilustração [1884 – 1892] : circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro" (2018).

Os trabalhos deixam claro o interesse da historiadora por fontes históricas ‘não tradicionais’ e de fato contribuem para a desconstrução do sentido estrito do conceito de ‘fonte histórica’, uma vez que a autora defende que: *“A boa fonte histórica é aquela que responde à pergunta que você tem. Nesse sentido, qualquer coisa pode ser fonte histórica”[1]*

2. Apresentação do texto

O texto em análise “Fontes impressas: história do, nos e por meio de periódicos” possui 42 páginas divididas em 14 partes contendo notas e bibliografia que abrem janelas para outras leituras e futuras possíveis pesquisas. As partes contemplam a proposta inicial de perfazer a história “dos”, “nos” e “por meio” dos periódicos. O texto também contém um “box” com dicas pontuais do percurso a ser adotado para melhor utilizar esse tipo de fonte na construção de textos historiográficos. 

O trabalho em questão compõe uma coletânea que forma o livro “Fontes históricas”, o qual foi organizado pela também historiadora Carla Bassanezi Pinsky com o objetivo de aglutinar, numa mesma obra, a discussão acerca das diferentes fontes com as quais trabalham os historiadores e expor sua fundamentação e suas metodologias próprias. Publicado em 2008 pela editora Contexto, o livro concretiza uma metodologia prática que permite a formalização do valor

documental de fontes "não tradicionais", permitindo que elas preencham as lacunas culturais, sociais, políticas e de época cujas as fontes convencionais não são capazes de responder.

O capítulo em questão traz a luz considerações de “como usar” os periódicos na escrita da história, no ofício cotidiano de levantamentos de fontes, análise e escrita do texto histórico. Desse modo é exposto, de maneira didática, o percurso da utilização desta fonte largamente usada atualmente em variadas temáticas de pesquisas, fato atestado nas produções de teses e dissertações dos programas de pós-graduação bem como também visível na escrita de livros e artigos acadêmicos, seja no Brasil ou no mundo. Assim, o texto de Tânia de Luca atende a perspectiva de apresentar um guia especializado àqueles que pretendem utilizar periódicos como fonte documental histórica em seus projetos e pesquisas.

Embora existisse, antes dessa publicação, artigos e obras acerca do trato com as diversas fontes, tratava-se de algo disperso, o que dificultava uma consulta rápida, como exige os acelerados tempos atuais. O acesso ao trato de cada fonte poderia ser também obtida através pesquisa em dissertações e teses, o que, mesmo com o auxílio de bancos de dados na internet, não constitui tarefa fácil e ágil.

A ideia de reunir especialistas com diferentes fontes e ampla experiência de pesquisa historiográfica, torna o livro uma referência imediata em diversos cursos de graduação e pós-graduação, notadamente, em cursos direcionados aos debates de metodologia e teoria da história em diversas áreas que tangenciam tais temáticas, métodos e referenciais teóricos.

Dividido em oito partes e uma apresentação da organizadora, o livro apresenta diferentes tipos de fonte utilizadas pelos historiadores. Os capítulos compartilham estrutura similar: os autores apresentam de uma maneira esquemática a fonte situada no seu contexto referente às mudanças que perpassam o saber historiográfico, um sucinto referencial teórico, a localização do tempo em que a fonte é rejeitada e valorizada, algumas temáticas de utilização da fonte no universo de pesquisas, e uma exposição de uso prático, desde sua localização em arquivos, até sua crítica e escrita no texto historiográfico. Esses tópicos são apresentados de forma clara em linguagem acessível, e acompanham exemplos práticos de pesquisas desenvolvidas. São textos didáticos, porém com rigor acadêmico, como expressa a organizadora.

No momento de lançamento da obra, há, no Brasil, início de notável expansão do Ensino Superior Público e por conseguinte aumento de programas de pós-graduação na área de História. Nesse contexto, há um crescente aumento de demanda por produções no campo do saber, bem como de textos que abarquem métodos, técnicas e teorias acerca do “como fazer”.

A referida obra, ao se tornar rapidamente uma referência, demanda uma continuidade que será atendida na publicação do livro “O historiador e suas fontes” lançado em 2009 pela mesma editora Contexto. Organizado por Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca, esta coletânea atende à demanda de continuidade e assim apresenta outras fontes que não foram analisadas na obra anterior. Assim como no primeiro livro, este, também discute uma variada gama de fontes e de autores ligados à distintas universidades brasileiras das diferentes regiões do Brasil.

3. Tema e problemas colocados pelo texto

O capítulo trata da pesquisa acadêmica no âmbito da história da imprensa tomando como base as fontes produzidas pela própria, em uma perspectiva cronológica do século XIX ao XX. No texto, Luca (2008) apresenta um estudo episódico sobre as narrativas dos periódicos como fontes de estudo e, com isso, demonstra a evolução desde uma inicial rejeição sob alegação de falta de credibilidade até seu intenso uso por pesquisadores do cotidiano político, social e cultural.

O recorte temático do capítulo caminha entre tipologias de periódicos e seus respectivos contextos históricos, mas se atém ao caráter didático que busca informar e instruir como um manual. Nesse sentido, o texto introduz a ideia de um alargamento do campo de pesquisa para os historiadores através da ascensão da imprensa.

A autora também pontua algumas mudanças e transformações nas práticas historiográficas e princípios de interdisciplinaridade nas pesquisas de ciências humanas ao longo do século XX, pois o seu uso “(...) forçava o historiador a refletir sobre as fronteiras das sua própria disciplina” (LUCA, 2008, p. 112), além de outros aspectos sobre a história da imprensa com ênfase no jornal e a forma como a sua incorporação como fonte primária ganhou espaço gradativamente, usado inicialmente, apenas em casos onde as demais fontes eram escassas.

No entanto Luca (2008) explica que, os periódicos funcionam como fontes únicas justamente devido ao caráter de aproximação humana que o mesmo apresenta, pois serve como instrumento político para compreender e difundir a memória do trabalho e da categoria operária e as demais lutas históricas da sociedade moderna, assim como as revistas, que podem servir como espelhos da sociedade e sua aproximação com o público de massa. O movimento operário, por exemplo, obteve com a imprensa visibilidade e voz independente da mídia empresarial e de classes políticas, além de autonomia no processo de escrita e publicação desses periódicos próprios. (LUCA, 2008, p. 119)

Nesse sentido, considera-se ainda muito relevante a associação feita no texto entre a ascensão da imprensa moderna e a industrialização da sociedade. Ambas, intrinsecamente vinculadas com o decorrente alargamento do *pensar* em pesquisa histórica, abrem caminho para a formalização de tais periódicos como documentos históricos da urbanidade, das transformações das cidades e da cultura do viver de algumas populações e indivíduos. (LUCA, 2008, p. 120)

Entretanto a autora alerta, ao citar a historiadora professora dr^a Ana Maria de Almeida Camargo, que é preciso tomar certos cuidados ao se usar materiais de imprensa em pesquisas, pois corre-se o risco de se condicionar o olhar apenas para aquilo que se procura encontrar.

Daí decorre a importância de se fixar e entender o contexto no qual esse material foi produzido, bem como quais eram seus propósitos, seu público alvo e seus redatores. Pode-se dizer que a autora ressalta que, ao se eleger uma fonte como os periódicos, deve-se sempre dar conta da carga subjetiva que tal objeto arrasta, já que trata-se de uma material não isento, não neutro e potencialmente tendencioso. Cabe ao historiador, que segundo Luca (2008) também é um agente subjetivo na construção da historicidade, discernir não só a qualidade, mas também os limites das informações geradas à partir da análise da fonte empregada.

A partir disso, o texto também explora a imprensa como parte (ou produtora) de cultura material. A materialidade dos periódicos é vista através da gráfica como técnica e reflexo do processo de modernização do maquinário, mão de obra e matéria prima empregados, o que influi em aspectos econômicos e de impulsionamento / popularidade de tais publicações.

A temporalidade vista no trabalho, embora esteja focado no século XX, contextualiza-se pelo surgimento das primeiras publicações em jornais, que são apresentados inicialmente como suporte para informação controlada e conteúdo crítico e satírico, mas depois como um relevante contributo democratizante de voz para classes operárias, escritores e o mercado publicitário.

4. Objetivo

O objetivo central do texto é apresentar de forma sucinta um roteiro de utilização dos periódicos na escrita da história, bem como discutir as modificações na teoria da história que permitiram que o emprego desse tipo de fonte fosse possível. A partir dessa intenção principal se desdobram objetivos correlatos que auxiliam na compreensão do texto em seu conjunto: A história da Imprensa (dos periódicos); a história que está presente nos periódicos (história nos periódicos) e a história escrita a partir da análise dos periódicos (história a partir dos periódicos).

5. Estrutura e articulação dos argumentos principais

Em uma análise mais prolongada sobre o texto de Tânia Regina de Luca, pode-se destacar um primeiro aspecto acerca do uso dos periódicos como fonte: a imprensa sob suspeição, ou seja o uso dessa fontes como desconfiança diante de fontes mais confiáveis que envolvia fontes ligadas a oficialidade. As verdadeiras fontes assim eram caracterizadas por “objetividade”; “neutralidade”; “fidedignidade”. Aqui as fontes periódicas eram concebidas como meras “enciclopédias do cotidiano” e traziam apenas fatos banais, e portanto, não dignos de serem considerados como históricos. Tal maneira de conceber as fontes atendia a concepções das escolas dominantes do século XX até a década de 1930: a escola positivista francesa e escola historicista alemã. Os seguidores destas pensavam os documentos como reveladores dos fatos cabendo aos historiadores apenas usar da melhor técnica possível para chegar o mais próximo possível da verdade do passado.

Houve, com a fundação da história dos Annales na França em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre uma mutação do estatuto da história (epistemologia), por conseguinte muda-se as formas de conceber a verdade. Contudo, mesmo com toda a renovação desse grupo de historiadores, considerada por Burke (1991) como uma verdadeira “revolução na historiografia” o uso dos periódicos como fonte, não conseguiu, a princípio grande avanço. O que apenas viria a acontecer a partir da chamada 3ª geração dos Annales.

Com essa terceira geração dos Annales, há um alargamento no campo de preocupação dos historiadores, sobretudo a partir da década de 1960 e suas modificações de ver e sentir o mundo. Isso afetando o modo como se pensa e se faz a história. Nesse sentido, o que é mais notável de modificação é a renovação temática que insere como temas constantes em pesquisas o inconsciente, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano entre outros. Como afirma Certeau (2007), o historiador passa a trabalhar nas “margens”.

Assim, a historiadora demonstra como as "fontes formais"/oficiais - ou seja, produzidas pelas instituições estatais e religiosas - se tornam insuficientes para dar conta da documentação histórica, o que permite que ela conclua a defesa de sua tese de que "todas as fontes" são insuficientes, já que não se busca mais uma "história total", tudo está "em migalhas" como pontuou ironicamente François Dosse[2].

Diante esses abalos epistemológicos que atingiram a disciplina e a emergência e fortalecimento da chamada história cultural, a qual desenvolve-se sob um diálogo constante com a Antropologia e também as questões levantadas pela virada linguística “*linguistic turn*”/[3] levam os historiadores a reconsiderar a natureza narrativa do texto historiográfico como também a forma como se inquiria as fontes como assinala Antoine Prost (2008, p.130) "interessará menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam". Como uma valorização do tempo presente e, por conseguinte, de um novo campo “a história do tempo presente”.

Diante de um panorama que expõe o diálogo dos historiadores brasileiros com a historiografia, a autora indaga: “diante do quadro sempre mutável de desafios e inquietações teórico-metodológicas, que lugar a historiografia brasileira tem reservado à imprensa?

A partir da escola dos *Annales* emerge uma nova concepção de fonte que passam a serem pensadas, como vestígios, pistas, sinais, de um tempo, nesse sentido há uma valorização da subjetividade do historiador que produz estas fontes bem como das próprias fontes, não mais consideradas como “espelho” de um outro tempo, mas como referência, representação de um tempo que foi. Assim, segundo Chartier (2009) as fontes são produzidas pelo historiador, que são “donos das fontes” perfazendo, nesse sentido, uma relação com a subjetividade entre quem produz e o texto produzido.

Nessa brecha aberta com a valorização da subjetividade diversas fontes antes consideradas como não importante, fluídas, escorregadiças para uso dos historiadores são alçadas a um novo patamar. Jornais, revistas, fotografias, cinema, gravuras... são a partir de então usadas frequentemente nas mais diversas temáticas e cobrindo diversas temporalidades.

Refletir acerca da utilização desse tipo de fonte nos remete a reflexões como a ideia do retorno da valorização do fato na escrita historiográfica a partir da chamada “história nova”. Nesse sentido as ideias de Pierre Nora (1995) são representativas no tocante às novas formas de pensar o acontecimento a partir de uma história tem por função fazer “surgir o presente no passado”.

Essa valorização do presente, numa esteira que advém de uma tradição filosófica nietzschiana e seguida por filósofos como Michel Foucault, visa colocar o presente no centro da discussão histórica. Nessa forma de pensar o passado apenas tem sentido como meio de compreensão do presente. Há, no entanto, certo exagero, nessa forma de pensar o tempo. Hartog (2014) tece uma crítica elucidativa a este respeito e esboça o termo “presentismo” como característica fundamental do tempo atual.

A compreensão desse tempo sempre renovado, imediato e que se reproduz no instante exige uma renovação de utilização de novas fontes, nas quais as fontes periódicas ganham muita importância, uma vez que estas expõem diariamente, ou mesmo semanalmente, acontecimentos cotidianos que formam um arquivo contínuo de práticas rotineiras da população em geral. Certeau em sua “Invenção do Cotidiano”(1994) enfatiza que estas seriam “práticas de espaços” em que os habitantes da cidade transformam, a partir destas os “lugares em espaço”. Ou seja, são significados ao mundo que os rodeiam em seu cotidiano. Os periódicos como trazem os acontecimentos de forma quase que instantânea, são imprescindíveis para apreensão dessa relação entre pessoa, espaços e vida cotidiana mesmo com a tendência à espetacularização como adverte Nora (1995) estas fontes permitem traçar um panorama de um local em determinado tempo. Contudo, a apropriação dos periódicos como fontes para o saber histórico requer crítica rigorosa, assim como é exigido por todos os tipos de fonte.

Ao falar sobre conteúdo e idealizadores no texto, a autora desenvolve um raciocínio mais crítico e contestador sobre o tema que abordou até então em moldes de manual, visando um aprofundamento metodológico apurado. Sendo eles: objetividade e neutralidade do que é publicado em periódicos - a depender de cada público ao qual se destina, notícia e interpretação de acordo com o contexto em que aquele conteúdo foi produzido.

Num primeiro momento a autora parte da ideia que um primeiro desafio é não seguir o que é apresentado pela fonte, ou seja não a tomar como verdade. Esta ideia já presente em Le Goff (2003) quando indica, propondo uma profunda crítica documental, que se deve partir da ideia de que todo documento é falso. Não usar a fonte de periódicos apenas para confirmar ideias pré-estabelecidas ou já presentes em outras fontes, também é uma alerta para não menosprezar a rica análise que pode ser feita com o uso desse tipo de fonte.

A emergência de vasto campo de temática incorporados aos novos modos de fazer a história, levou os historiadores a buscar nos periódicos respostas a suas inquietações. A compreensão do mundo do trabalho, das relações da urbanidade, da emergência de aspectos da modernidade no novo cenário da vida brasileira em que, a partir dos sobretudo dos anos 30 começa a mudar significativamente com crescimento desenfreado das principais cidades e conseqüentemente desenvolvimento de uma comunicação mais ativa através de diversos tipos de periódicos. As discussões sobre gênero, infância, aspectos políticos, censura são incorporados a produção historiográfica, que não cessa de se utilizar dos periódicos para tentar responder a questões levantadas sobre as os mais diversos aspectos acerca dessas temáticas.

Uma gama variada de jornais e revistas adentram cada vez mais os espaços público e privado influenciando e consequentemente refletindo as formas de viver e pensar. Para a autora o início do século XX é o momento de “tempos eufóricos” em que surgem uma grande quantidade periódicos, os quais delineiam estéticas que permaneceram por anos a fio como referência no campo da comunicação. É o tempo que emerge o termo “variedade” que inserida numa mesma publicação “acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças”. Essas publicações trazem leitura agradável, de fácil compreensão e complementada como imagens que poderiam ser desde caricaturas, charges, reproduções de pinturas, desenhos e fotografias. A ideia de tão vasto cardápio estaria justificada como estratégia de driblar um ainda incipiente campo de leitores.

Este cenário apenas será modificado, segundo a autora, pelo início da circulação da revista “*O Cruzeiro*” em 1928 e quatro décadas depois com a “*Veja*” (1968). Tais publicações são consideradas como marcos de modificações substanciais na profissionalização dos que fazem o periódico, nas formas estéticas como a ascendente valorização do fotojornalismo, a mecanização da produção dos impressos, além de refletirem um processo de modificação da publicidade, que desde as primeiras décadas do século XX foi pouco a pouco tornando-se a principal forma de financiamento da imprensa.

O lucro torna-se o alvo de uma imprensa pensada como empresa, sobretudo a partir do início do século XX. Momento em que as ideias de “Imprensa e progresso, letras e luzes eram frequentemente associados”. Assim, segundo Sevcenko (1998)[4] os signos que caracterizam o modo de vida urbano industrial estavam ligados as ideias de velocidade, eficiência e utilidade teriam na imprensa, “um lugar privilegiado da informação e sua difusão” e tornou-se ativa na metamorfose que a sociedade ocidental conheceu nas primeiras três primeiras décadas do século XX.

Antes de partir para as sugestões práticas, no entanto, Luca (2008, p. 141) pondera “(...) a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delineia uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente” na medida que a subjetividade das fontes é valorizada.

Em relação a crítica que deve ser feita na utilização das fontes periódicas autora sugere alguns pressupostos básicos, porém a autora adverte que cada trabalho parte de uma problematização específica elaborado pelo historiador. Ou seja, cada temática exige uma

problematização e por conseguinte uma forma específica de tratamento da fonte enquanto indício do passado.

Partido da classificação atribuída aos termos “jornal” e “revista”, primeiramente, segue-se com o cuidado que deve se ter com as condições materiais dos periódicos, ou seja sua materialidade. As características físicas dos jornais, tais como tamanho do papel, modo de impressão, diagramação, a presença ou ausência de imagens, a distribuição de propaganda, tais características nada tem de natural, pois refletem o momento em que são produzidos: “Das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos dos computadores, há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de leituras”. Nesse ponto remete as considerações de Chartier (1998) ao considerar as diversas práticas de leituras que emergem de diferentes práticas de escrita. Por conseguinte, “Historicizar a fonte requer ter em conta, [...] as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.” (Luca, 2008, p. 132)

Sugere-se pela autora que a maior modificação em termos de conteúdo ocorreu, quando em meados da virada do século XIX para o XX, na medida em que houve o declínio da “doutrinação em prol da informação”. Pensamos que averiguar de que modo essas duas noções aparentemente antagônicas se fazem presente no conteúdo dos periódicos é um modo de análise que pode render bons frutos em pesquisas com esse tipo de fonte.

A análise de conteúdo pode adentrar nas relações entre o periódico e seu público alvo, nas relações do mercado publicitário e as redações, bem como na estrutura de poder do(s) proprietário(s) do periódico insere-se no espaço social, cultural e financeiro no espaço onde o periódico circula. Essas considerações são fundamentais para uma compreensão da rede de interações em que determinado jornal ou revista é produzido.

A autora sugere, para uma análise crítica, pensar as redações como “redes” dentro de um campo intelectual. Essa proposta de refletir encontra ressonância na ideia de Antônio Cândido (1959) que ao pensar sobre a formação da literatura brasileira propõe a ideia de um sistema formado com “a obra, o escritor e a formação tradição literária”, esses elementos, segundo o autor, se alimentam reciprocamente e permitem que exista a literatura em si. Nessa linha de pensar Chartier (1998) apresenta concepção semelhante em suas análises sobre o livro e a leitura na França do Antigo Regime. Para este, a concepção de leitura é possível na relação entre “produção, consumo e circulação”. Podemos, portanto mobilizar essas concepções para melhor analisar os periódicos dentro de um campo de significação social, não esquecendo que eles são produtos de relações de poder e saber e que estas são mutáveis no tempo e no espaço.

No tocante as sugestões práticas da pesquisa, é apresentado um passo a passo de procedimentos indispensáveis para um melhor aproveitamento desse tipo de fonte. Localizar as fontes, averiguar as condições oferecidas para consulta, ou seja, a qualidade da série e a localização dos números acessíveis. A autora pondera que nem sempre é possível conseguir de forma fácil o material que se deseja, pois há constantes problemas com os acervos, e muitas vezes exige que o pesquisador recorra a várias instituições para poder obter uma série completa para sua pesquisa. Embora a autora alerte para essa situação, no box ela aponta que é preciso “constituir uma longa e representativa série”. Assim, pensamos que o texto apresenta nesse ponto ambiguidade, visto que nem sempre é possível a obtenção de séries longas e representativas e também nem sempre os objetos de pesquisas requerem grande número de exemplares para elucidar as respostas feitas pelos historiadores.

Uma questão que sempre se traz à baila na análise dos jornais refere-se a suposta neutralidade em relação ao que é publicado. O que se publica é meramente o que aconteceu ou não há como não se apresentar uma interpretação dos fatos? Esse dilema não é negado pela autora que remete uma discussão nesses sentidos utilizando-se de dois autores com visões diferentes sobre este aspecto e alerta que o mais importante seria não adentrar em tão instigante debate, mas sim utilizar das técnicas da próprias da disciplina para problematizar “a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento”. Pois o historiador, deve partir do princípio que a imprensa “seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”. Luca (2008) Tal condição, contudo, não limitaria o uso dos periódicos enquanto fonte de acesso ao passado.

Na prática cotidiana de suas pesquisas o historiador que se aventura diante desse tipo de fonte precisa focalizar sua atenção para o destaque ou não conferido a determinada notícia, o espaço que foi noticiado, ou seja se foi na capa, em alguma seção específica, bem como se a notícia teve ou não continuação em outras edições e como e deu essa continuidade. Esses procedimentos fazem parte da crítica sugerida que busca uma melhor apreensão dessas fontes para a escrita da história e assim perfazer, como sugere Chartier (2009, p. 18), uma leitura “(...) das diferentes temporalidades que fazem que o presente seja o que é, herança e ruptura, invenção e inércia ao mesmo tempo, continua sendo a tarefa singular do historiadores e sua responsabilidade principal para com seus contemporâneos”.

6. Considerações finais

A contextualização e o entendimento do texto sobre a pesquisa em História da Imprensa e suas fontes comumente usadas nos séculos XIX e XX nos permite refletir sobre a própria construção de um sentido para a história em nossos tempos, pois os seus desdobramentos, conforme vistos no texto, abordam o caráter de objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade que os desafios em se utilizar tais fontes para construir nossas narrativas de pesquisa exigem.

A autora persiste em defender o uso de fontes não tradicionais no sentido de manutenção da cultura material, de memória e história social. Ela também reforça a importância de recorrer a um conjunto de fontes cujas ideias pré-concebidas podem interferir nos resultados de determinadas pesquisas, buscando nos periódicos um conteúdo mais apropriado com questões de perfil comportamental e recorte de sociedade mais contextuais.

Logo, o texto *História dos, nos e por meio dos periódicos* e os tópicos que o compõem e são abordados pela autora, estimulam pesquisas no campo multidisciplinar da História da Arquitetura e da Cidade sob uma perspectiva de narrativa histórica que nos remete a pertinência dos periódicos em nosso trabalho de investigação ligado às dinâmicas culturais e econômicas que não se restringem aos livros como análises consolidadas, mas pontuando a relevância de se entender, por exemplo, como emblemáticas revistas ligadas a arquitetura e engenharia e temas correlacionados - com patrimônio histórico e cultural, tais como Acrópole (1938-1971), Domus (1928 - atualmente), Revista do Patrimônio (Iphan) (1937 - atualmente), entre outras - fornecem sob uma perspectiva especializada uma rica leitura sobre o público que consome esses temas (arquitetura e cidade), os engenhos publicitários e suas respectivas empresas e produtos, os agentes que produzem e financiaram a arquitetura de nossas cidades (com ênfase ao mercado imobiliário) e também realçam o caráter da imprensa como uma mercadoria atraente. (LUCA, 2008, p 137)

O texto, apesar de sucinto, ajuda a pensar a escrita da história a partir de periódicos, é sobretudo fundamental quando da elaboração de projetos de pesquisa onde prescinde-se de textos metodológicos que apontem caminhos para adentrar de forma mais segura no campo das fontes que se vai utilizar. O artigo ao trazer passos práticos importantes, desde a escolha dos acervos, passando pela crítica e apontando possíveis escritas, atende a operacionalização comumente aceita pelos historiadores na prática de seu ofício. Deste modo, perfaz a ideia de “fabricação” de “operação historiográfica” sugerida por Certeau (2007).

Também para o campo da história da arquitetura, a abordagem de Luca (2008) reflete entre a análise do discurso e o "saber interpretar" tais fontes, tomando como exemplo a publicação de uma notícia cuja pesquisa deve compreender suas motivações ao ser publicada, enquanto o discurso ganha variados significados a depender do suporte em que se encontra publicado, mas que ainda assim sintetizam uma expressiva forma de valorização para o tema estudado.

Bibliografia

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia:** a Escola dos *Annales* (1929-1989). Trad. Nilo Odália. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

CAFÉ CONTEXTO: live com Tânia Regina de Luca e Carla Bassanezi Pinsky. 2020.1 vídeo (1h 1min 25 seg.). Publicado pelo canal Café Contexto. Português. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=op_cQIIFPBY. Acesso em: 11 de junho de 2020.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira:** Momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1959, 2 Vol.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 1998.

_____. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: Editora da UNB, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – 1. Artes de fazer. 12. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

_____. A operação historiográfica. In.: **A escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos Annales à nova história. Trad. Dulce A. Silva Ramos. Bauru: Edusc, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

HARTOG, François. **Regime de Historicidade**. presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LE GOFF, Jaques. Documento/monumento. In.: **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão...[et al] Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

NORA, Pierre. **O Retorno do Fato**. In.: NORA, Pierre. e LE GOFF. Novos Problemas. Trad. Theo Santiago; 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

PROST, Antonie. Social e cultural indissociavelmente. In.: Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinell. **Para uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso (Introdução) In.: _____. (Org.) **História da vida privada no Brasil – III**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

[1] CAFÉ CONTEXTO: live com Tânia Regina de Luca e Carla Bassanezi Pinsky. 2020. 1 vídeo (1h 1min 25 seg.) Publicado pelo canal Café Contexto. Português. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=op_cQ11FPBY. Acesso em: 11 de junho de 2020.

[2] DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos Annales à nova história. Bauru: Edusc, 2003.

[3] Virada linguística “*linguistic turn*”, de forma resumida, foi uma etapa da filosofia ocidental que passou a valorizar os aspectos da linguagem na compreensão da realidade. Na história sobretudo o trabalho de Hayden White tiveram muito impacto e despertaram discussões, notadamente, acerca do aspecto narrativo do texto historiográfico.

[4] SEVCENKO, Nicolau. Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso (Introdução) In.: _____. (Org.) **História da vida privada no Brasil – III**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

